

Problemas recreativos

Soluções do n.º 182

Duplas: — 9 — Craca; 10 — Crédito.**Sincopadas:** — 11 — Regular-relar; 12 — Refrega-rega.**Biformes:** — 13 — Refolha-refólho; 14 — Marco-Marca

Soluções do n.º 183

Adivinhas: — 20 — O milho; 21 — Os dedos das mãos e dos pés.**Enigmas tipográficos:** — 22 — Encruzilhas; 23 — Sois um grande entre os grandes.

Resultados do n.º 184

1 — Palavras cruzadas — Horizontais: 1 — escamado; 2 — preito, ousa; 3 — erro, arável; 4 — si, iav; 5 — prior, ojura; 6 — icto, at; 7 — tamisa, ra; 8 — atar, rarear; 9 — ceo, pró, ri; 10 — ousadia, eco; 11 — sarrafos.**Verticais:** 1 — pé, palacos; 2 — error, ateu; 3 — ser, irmãos; 4 — cioso, ir, as; 5 — at, iris, dá; 6 — moa, carpir; 7 — raot, arar; 8 — doa, jorro; 9 — ouviu, ae, ef; 10 — seara, arco; 11 — salvatérios.

* * *

2 — Damas:

2 — 2328.2117.2130.2621.24 ×

3 — 2823.28 ×

4 — 2629.1225.2914.74.25 ×

5 — 1511. 74.2521. 1 ×

6 — 1813.2921.25 ×

7 — 2826.3221.2822.2113.1418.0105.1714.6 ×

* * *

9 — Á primeira vista tudo é fácil — (problema n.º 8) — Seja x o valor de um carneiro e y o de uma ovelha. Segundo o enunciado será:

$$\frac{x}{y} = \frac{3}{4}, \text{ donde } y = \frac{4x}{3}$$

O número de carneiros é

$$\frac{1800}{x}; \text{ o de ovelhas: } \frac{1840}{y} = \frac{1840}{\frac{4x}{3}} = \frac{1840 \cdot 3}{4x}$$

Assim

$$\frac{1800}{x} + \frac{1840 \cdot 3}{4x} = 53$$

donde $x = 60$

Portanto, o rebanho compõe-se de:

$$\frac{1800}{60} = 30 \text{ carneiros}$$

$$53 - 30 = 23 \text{ ovelhas}$$

Representando por a a 1.ª prestação e por b , a 2.ª, tem-se:

$$\frac{a}{2} + \frac{b}{3} = 32 \text{ e } \frac{b}{5} + \frac{a}{4} = 18$$

Multiplicando por 2 os membros da segunda equação e subtraindo uma da outra, vem:

$$\frac{b}{15} = 4, \text{ donde } b = 60$$

Ponha-se este valor numa das equações e obter-se-á, finalmente:

$$a = 24$$

A renda será, portanto, de $a + b = 24 + 60 = 84\$$.

Das soluções recebidas tirou-se, ao acaso, esta de J. Gonçalves, como podia ter sido a de A. Fernandes, únicas que foram apresentadas com maior desenvolvimento.

* * *

9 — Problemas de "Zero" — I — Segundo uma parte dos solucionistas e incluindo o próprio autor do problema, a capacidade de cada caixa seria de 120 litros, m. m. c. de 5, 8 e 12, e, portanto, levaria 24 ou 15 ou 10 latas de cada tipo. Segundo outros, a capacidade seria de 30 dm³ e, neste caso, a menor quantidade de latas que levaria de cada tipo, preenchendo completamente o espaço da caixa, seria 2 latas de 5 litros, 1 de 8 e 1 de 12.

O enunciado não está explícito e admite duas interpretações. Os resultados apresentados assim o demonstram. Em todo o caso, em abono do autor se declara que, sendo compulsado um livro de estudo sobre aplicação do menor múltiplo comum, deparou-se-nos problema muito semelhante. Isto não quer dizer que erraram os que não seguiram esse processo, pois estão plenamente justificadas as soluções por falta de clareza do enunciado do problema.

II — Aproveitando a solução de A. G.: — Representando por x o volume de pedra britada e por y o da pedra de alvenaria, temos:

$$2x + \frac{x}{4} = 2y$$

$$y + 30 = 3x$$

Resolvido o sistema, vem

$$x = 16 \text{ m}^3 \text{ (pedra britada)}$$

$$y = 18 \text{ m}^3 \text{ (pedra de alvenaria).}$$

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE	DIRECTOR	ADMINISTRAÇÃO
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES	O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA Engenheiro <i>Alvaro de Lima Henriques</i>	LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação de Santa Apolónia
Editor: <i>Comercialista Carlos Simões de Albuquerque</i>	Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia	

SUMÁRIO: Abono de Família aos ferroviários. — Substituição da ponte de Garvão. — Sezonismo. — Crónica Agrícola. — Página Literária. — Consultas e Documentos. — Factos e Informações. — Pessoal.

Abono de Família aos ferroviários

A quasi totalidade dos leitores do «Boletim da C. P.» é interessada em conhecer, de forma geral, os princípios reguladores da instituição do regime do Abono de Família a favor dos ferroviários portugueses, os resultados da sua aplicação e bem assim os direitos e obrigações dos sócios para com a respectiva Caixa. Damos, por isso, neste número, um resumo acerca da constituição da Caixa e do mais importante a ter em atenção, a bem da regularidade dos serviços e do interesse pessoal dos sócios.

* * *

O regime legal do Abono de Família aos ferroviários portugueses vigora praticamente nas Empresas de via larga desde 1 de Janeiro de 1943, e nas de via estreita desde 1 de Dezembro do mesmo ano.

A Caixa abrange obrigatoriamente todo o pessoal que emprega a sua actividade nas Empresas exploradoras de caminhos de ferro,

e tem o carácter de caixa colectiva com aplicação uniforme em todas elas, a saber (usando a designação abreviada de todos conhecida): na C. P., B. A., S. E., C. N., V. V. e na Norte.

A administração da Caixa incumbe a uma direcção composta por um presidente que tem um substituto, e por dois vogais efectivos que têm os seus suplentes, todos designados de dois em dois anos. O presidente e o seu substituto são escolhidos pelo Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social de entre os indicados em uma lista triplíce elaborada de comum acordo pelas Empresas para cada um desses cargos; um dos vogais efectivos e o seu suplente são nomeados pelas Empresas também por acordo entre elas, o outro vogal efectivo e o respectivo suplente são designados pelas direcções dos Sindicatos ferroviários de entre os seus filiados inscritos na Caixa.

A inscrição dos sócios tem por base a

inclusão dos seus nomes nas folhas de pagamento das respectivas Empresas.

Os serviços da escrita e tesouraria de Caixa são efectuados pelas repartições competentes de cada Empresa, na parte respeitante a cada uma. E assim, é com essas repartições que os sócios devem tratar imediatamente os assuntos relativos ao pedido e à documentação dos abonos; à direcção da Caixa compete a resolução das questões acerca dos direitos e deveres dos sócios, com faculdade de recurso para os Tribunais do Trabalho.

Os sócios efectivos contribuem para a Caixa com 1 por cento dos seus vencimentos ou salários, normais, e as Empresas com 4 por cento desses vencimentos ou salários.

Tanto a importância das contribuições dos sócios como a dos abonos são calculadas e escrituradas nas respectivas folhas de pagamento, a par dos outros lançamentos individuais respeitantes a cada um. Com este objectivo, as Empresas dispõem de fichas individuais onde notam as alterações relativas à situação de cada sócio para com a Caixa.

Para formar uma idéia do movimento da Caixa, extraímos dos relatórios da sua direcção os elementos seguintes:

Empresas	Em Dezembro de 1943		Em Dezembro de 1944	
	Quantidade de:		Quantidade de:	
	Sócios efectivos	Beneficiários	Sócios efectivos	Beneficiários
C. P.	27.233	24.673	29.536	25.140
B. A.	1.379	1.643	1.798	1.698
S. E.	587	516	607	509
C. N.	821	1.145	1.295	1.247
V. V.	521	688	633	804
Norte	709	1.099	747	1.037
Conjunto...	31.250	29.764	34.616	30.435

As quantidades acima indicadas abrangem o pessoal tabelado, não tabelado e contratado, os adventícios, eventuais e suplementares, e ainda os aprendizes e os serventes de oficina.

Se ordenarmos por ordem decrescente da média de beneficiários por cada sócio efec-

tivo, figurarão em primeiro lugar as Empresas de via estreita, e em segundo lugar as de via larga.

Dos mesmos relatórios extraímos as importâncias dos abonos pagos:

Empresas	Ano de 1943	Ano de 1944
	Abonos pagos	Abonos pagos
C. P.	6.813.071\$20	6.717.291\$05
B. A.	448.062\$70	445.953\$60
S. E.	140.086\$65	138.330\$80
C. N.	26.715\$00	341.206\$15
V. V.	15.771\$85	219.962\$25
Norte	24.900\$00	286.231\$85
Conjunto	7.468.607\$40	8.148.975\$70

A lei acautela os direitos dos sócios e previne-os também dos seus deveres para com a Caixa. Para salvaguarda de todos, é indispensável que o pessoal tenha sempre presentes as suas obrigações e evite as sanções legais. A seguir indicamos as principais obrigações dos sócios:

a) — fazer os pedidos de abono nos impressos adoptados pelas Empresas, instruindo-os com toda a documentação comprovativa do alegado, e lembrando-se sempre que as falsas declarações implicam graves responsabilidades;

b) — apresentar anualmente os documentos necessários para prova de que subsiste o direito ao abono; a direcção da Caixa pode facilitar, nos termos legais, a produção de certas provas;

c) — sempre que haja alteração no número ou na situação das pessoas a seu cargo, fazer a respectiva participação dentro do prazo de dez (10) dias, e apresentar a respectiva documentação se o quantitativo do abono se dever manter ou aumentar;

d) — pagar, no prazo de dez (10) dias a contar do recebimento do respectivo aviso, qualquer multa que lhe tenha sido aplicada sob pena de terem que responder no competente Tribunal do Trabalho;

e) — facilitar na medida do possível o trabalho das Empresas e da direcção da Caixa que só a favor dos beneficiários reverte.

Substituição da Ponte de Garvão

Pelo Sr. Eng.^o *Felipe Barata*, Sub-chefe de Serviço da Via e Obras

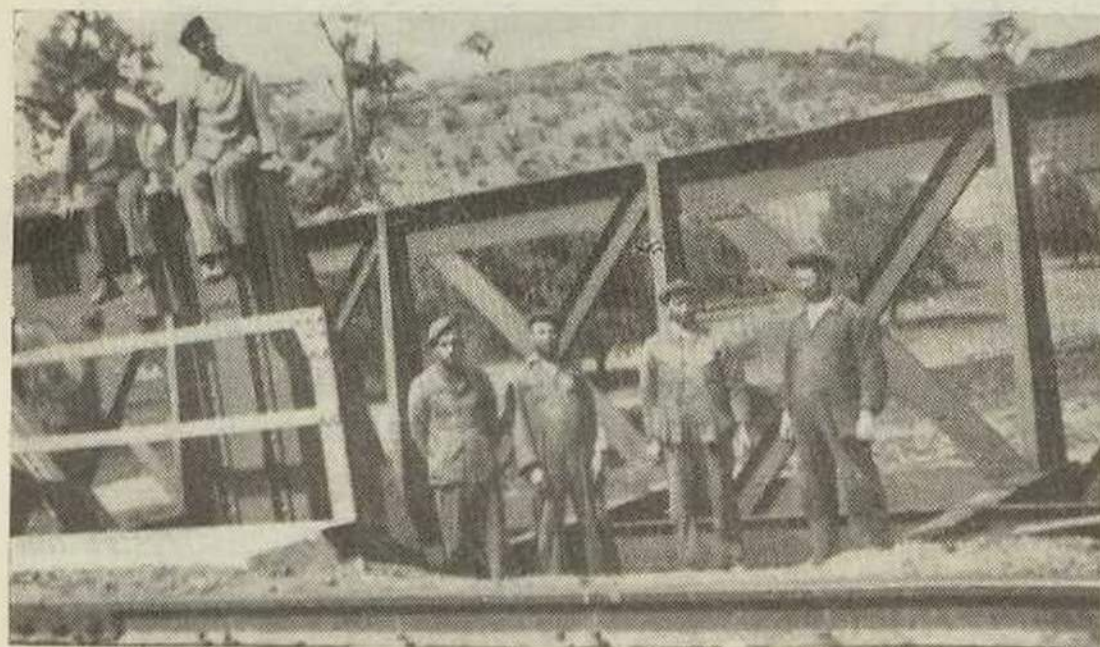
As duas mais modernas séries de locomotivas do Sul e Sueste, recebidas da Alemanha em 1924, não circulavam pela linha do Sul, entre Beja e Funcheira, por ainda não terem sido renovadas quatro pequenas pontes existentes entre esta estação e a de Casével.

Em 1933 foram aquelas obras substituídas, facultando-se assim a circulação de tôdas as locomotivas pela linha do Sado e pela do Sul, passando pelo seu entroncamento, na Funcheira.

Ficou, porém, ainda interdita a circu-



Nova ponte de Garvão já ripada

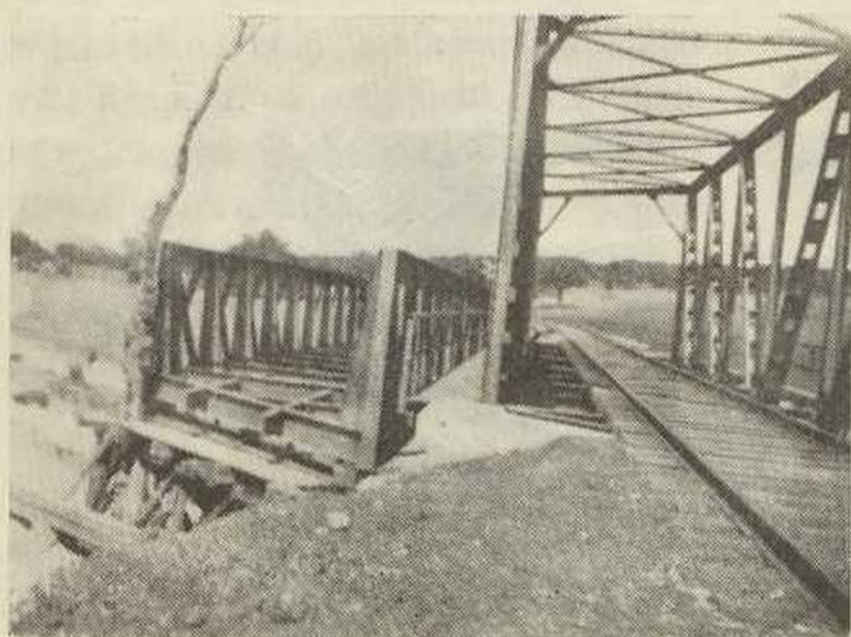


Uma das brigadas que trabalharam na substituição da ponte de Garvão

lação das duas séries de locomotivas para além desta estação. Para que pudessem seguir até o Algarve, era necessário substituir tôdas as pontes metálicas até à estação de Almancil.

Fizeram-se êstes trabalhos entre os anos de 1933 e 1938 e faltava apenas substituir as pontes de Magra e de Garvão para que aquêle inconveniente desaparecesse.

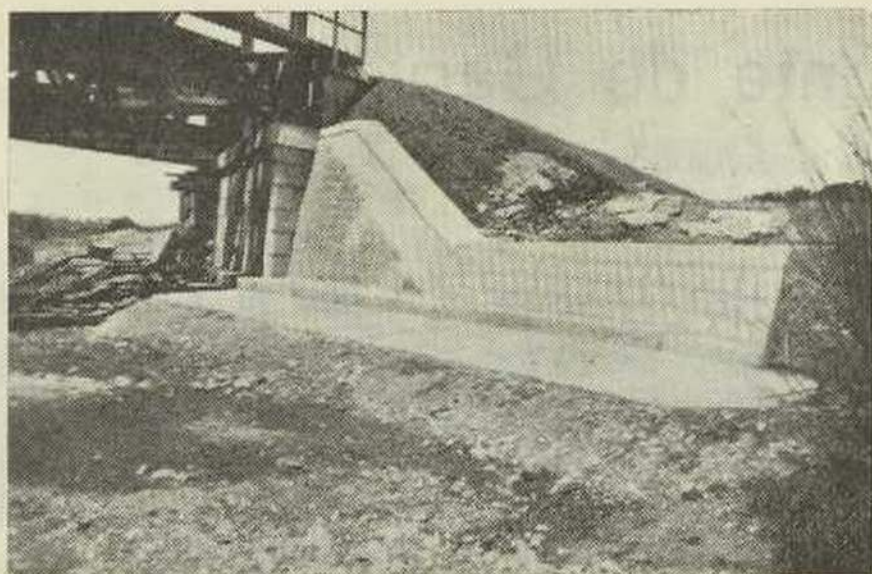
Foram estas obras substituídas nos fins do ano passado e agora já tôdas as locomotivas podem cir-



Conjunto da ponte nova e da antiga (a da esquerda)



Vista da linha de água com a ponte velha já sobre cavaletes e a parte nova do lado oposto



Obra de protecção do encontro

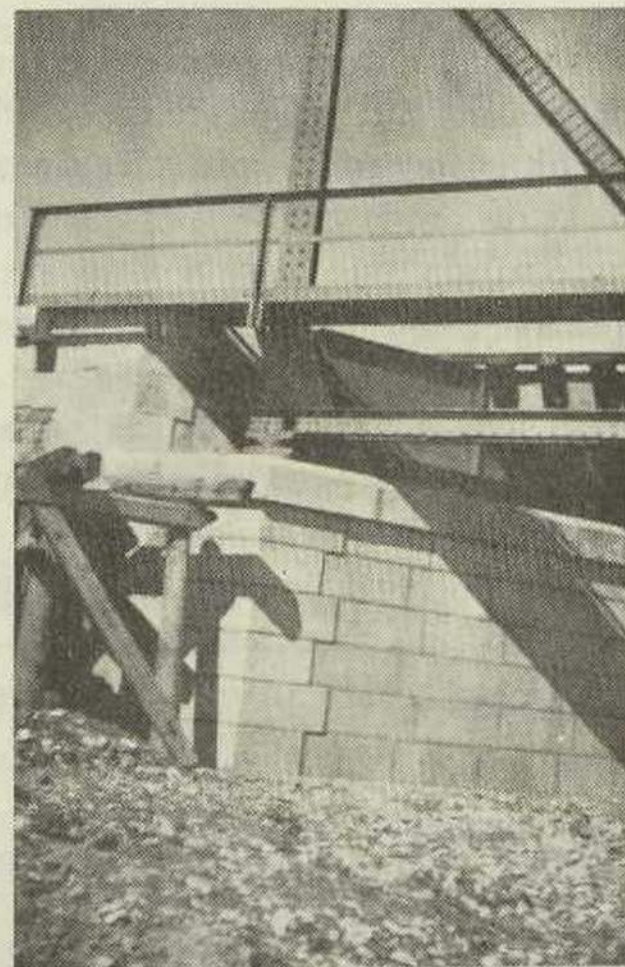
cular até ao Algarve e por isso entrar em mais largas rotações.

Às Obras Metálicas coube o trabalho da substituição da ponte de Garvão por um novo tramo metálico também oblíquo de 32 metros de comprimento e com o peso total de 80 toneladas.

Foi este tabuleiro projectado nos serviços de Estudos da Divisão da Via e Obras da nossa Companhia e construído nas Oficinas de Ovar em 1942; mas, por várias circunstâncias, só se pôde dar início aos trabalhos de montagem no local em meados de 1944.

Para maior solidez da obra foram refeitos os encontros com cantaria e para melhorar o perfil da linha foi a «vazante» subida de um metro, anulando os declives de acesso à ponte.

Todos os trabalhos necessários para a substituição desta ponte decorreram normalmente e fez-se a «ripagem» no intervalo



Encontro renovado

dos comboios regulares da manhã do dia 23 de Novembro último, com a costumada pericia do pessoal da Companhia.

Fotografias do Contra-Mestre das Obras Metálicas, Sr. Prudêncio Lopes da Silva.



SEZONISMO

Pelo Sr. Dr. Luis Figueira, Sub-Chefe do Serviço de Saúde e de Higiene

(Conclusão)

M. — Vamos agora a tratar do nosso amigo feitor. Primeiro vou fazer-lhe uma pequena picada para examinar o sangue, para vêr se são sezões que êle tem, a-pesar-de êle dizer que são só febres.

F. — Isso vai doer muito?!

M. — Não sejas cagarola. Dói tanto como qualquer picada de alfinete ou de agulha, ou até como a picada do mosquito. Com a vantagem de não deixar baba nem comichão.

F. — Onde é que se faz a picada?

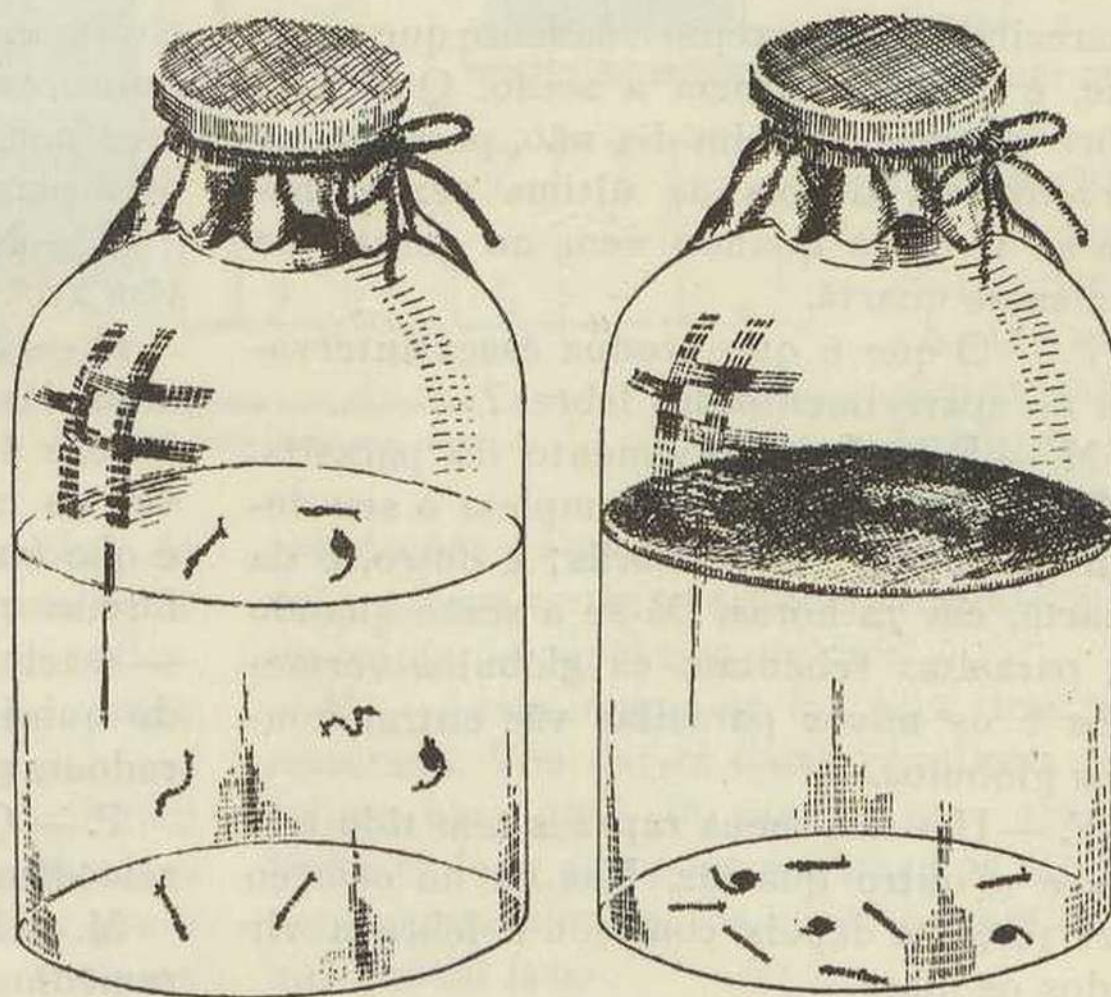
M. — Num dedo ou na ponta da orelha onde a dôr é ainda mais pequena do que no dedo. Está tudo desinfectado, vamos a picar. Pronto cá está uma gota de sangue a aparecer. Vou pô-la nesta lâmina de vidro

P. — O que é que se vai vêr nêsse vidrinho?

M. — Talvez te tenham ensinado nos teus estudos de ciências naturais que no sangue há glóbulos vermelhos e brancos. Também te recordas ainda que os vermelhos têm o importante papel de fixar o oxigénio do ar que respiramos. É êste oxigénio, cujo nome quer dizer *gero a vida*, que vai levar aos diferentes órgãos a energia necessária para o trabalho que lhes compete fazer. Pois é nêstes glóbulos vermelhos que o parasita das sezões se instala para viver à custa dêles e aí crescer e multiplicar-se. Quando já está muito dividido rebenta o glóbulo e os novos parasitas vão invadir outros glóbulos.

P. — Se calhar é essa destruição dos glóbulos que produz a doença.

M. — Pois claro, desta destruição resulta um grande empobrecimento para o nosso organismo que fica desfalcado daqueles glóbulos. E por consequência diminui a tomada de oxigénio de que precisamos para viver com saúde. Isto além dos produtos originados pelo desenvolvimento do parasita e lan-



Frascos com água colhida num charco ou vala.

À esquerda: com larvas e ninfas.

À direita: à superfície da água vê-se uma camada de substância oleosa: petróleo, parafina, óleo de máquinas. As larvas e ninfas jazem mortas no fundo do frasco.

çados no sangue quando êle rebenta os glóbulos.

P. — A côr terrosa dos doentes a que é devida?

M. — Principalmente à falta de glóbulos rubros que vão sendo destruídos.

P. — Porque é que os doentes, sobretudo as crianças aparecem com barrigas grandes?

M. — É devido ao aumento do baço que

é fortemente atingido por esta doença. Um dos principais fins d'este órgão é o de fabricar novos glóbulos vermelhos. Ora à medida que os parasitas aumentam, cresce também a destruição dos glóbulos, e o baço é chamado a desempenhar com maior actividade o seu trabalho, o que provoca o aumento de volume. Servimo-nos do grau do aumento do baço e da frequência d'esse aumento para avaliar nas populações feridas pelas sezões, o grau de gravidade e expansão da doença. Vou vêr agora ao microscópio o sangue do Letas... Tem parasitas da terçã.

P. — Então as doenças chamadas terças e quartãs também são sezões?

M. — São. Esses nomes vêm do dia de aparecimento do arrepio e da febre que se segue, e que constituem a sezão. Quando a febre aparece dia sim dia não, portanto no terceiro dia depois da última sezão chama-se terçã, e quando vem no quarto dia chama-se quartã.

P. — O que é que produz êsses intervalos no aparecimento das febres?

M. — É o desenvolvimento do parasita. Há um, o da terçã, que completa o seu desenvolvimento em 48 horas; e outro, o da quartã, em 72 horas. Dá-se a sezão quando os parasitas rebentam os glóbulos vermelhos e os novos parasitas vão entrar noutros glóbulos.

F. — Um dos meus rapazes tem tido terças e o outro quartãs. Mas eu no começo tive terças e depois começou a febre a vir todos os dias.

M. — Há outro parasita, o mais grave, que pode desenvolver-se em 24 horas. Pode também haver mais de uma geração dos da terçã ou da quartã que se desenvolvam com o intervalo de 24 horas, e assim as febres virão todos os dias. No teu sangue observo parasitas da terçã em vários estados de desenvolvimento, o que significa que há gerações diferentes.

P. — É natural que essa diferença de parasitas torne necessários tratamentos diferentes.

M. — O quinino tem acção sobre as três raças de parasitas. Porém o grande número

de doentes com sezões que há no mundo inteiro, avaliado em mais de 600 milhões, torna necessário o uso de elevadas quantidades de quinino. Ora as plantações da árvore da quina, de cuja casca se tira o quinino, não produzem o bastante para o tratamento com êste remédio de tantos doentes. Para remediar esta falta as fábricas de drogas têm feito estudos para arranjar produtos sintéticos que tenham a mesma ou ainda melhor acção sobre os parasitas das sezões. A grande fábrica alemã Bayer conseguiu obter a plasmovina e a atebrina, que para determinados estados do parasita se mostram de acção superior à do quinino. Associaram à plasmovina o quinino e preparam compostos com os nomes de plasmovina composta e quinoplasmina, que se mostram mais eficazes do que só o quinino ou a plasmovina na cura das sezões.

P. — Naturalmente êsses remédios novos têm acção conforme a raça do parasita.

M. — Não. Têm acção sobre os três parasitas. Mas convém melhor para combater as formas do parasita que se hão-de desenvolver no mosquito quando engulidos por êle, e que fazem a propagação das sezões. Estas formas que chamamos em medicina gametas — macho e fêmea — resistem muito à acção do quinino e são elas que tornam mais duradouras as sezões ou febres palustres.

P. — Qualquer pessoa pode comprar êsses remédios na botica?

M. — Pode, mas não deve. Tanto êstes remédios novos: a plasmovina, a quinoplasmina, a atebrina, como o próprio quinino, devem ser receitados pelo médico. Só êle pelo seu saber e a observação clínica, pode bem avaliar das indicações e conveniências de cada um d'elles conforme o caso do doente observado.

F. — Mas nós é que não ganhamos para êsses tratamentos e para as consultas médicas.

M. — Por reconhecer isso, e pela necessidade de cuidar da saúde da raça, não deixando que ela se vá definhando mais, é que o Governo se está ocupando em criar serviços especializados de combate ao sezonis-

mo, onde os doentes tenham a assistência do médico e os remédios apropriados, tudo gratuitamente. Além da Estação, dispensários e postos antisezonáticos já a funcionar, outros deverão criar-se nas regiões palustres e sezonáticas. Nem só pelas mortes que as sezões produzem, mas ainda mais pela acção enfraquecedora delas, este assunto merece um vivo interesse aos poderes públicos.

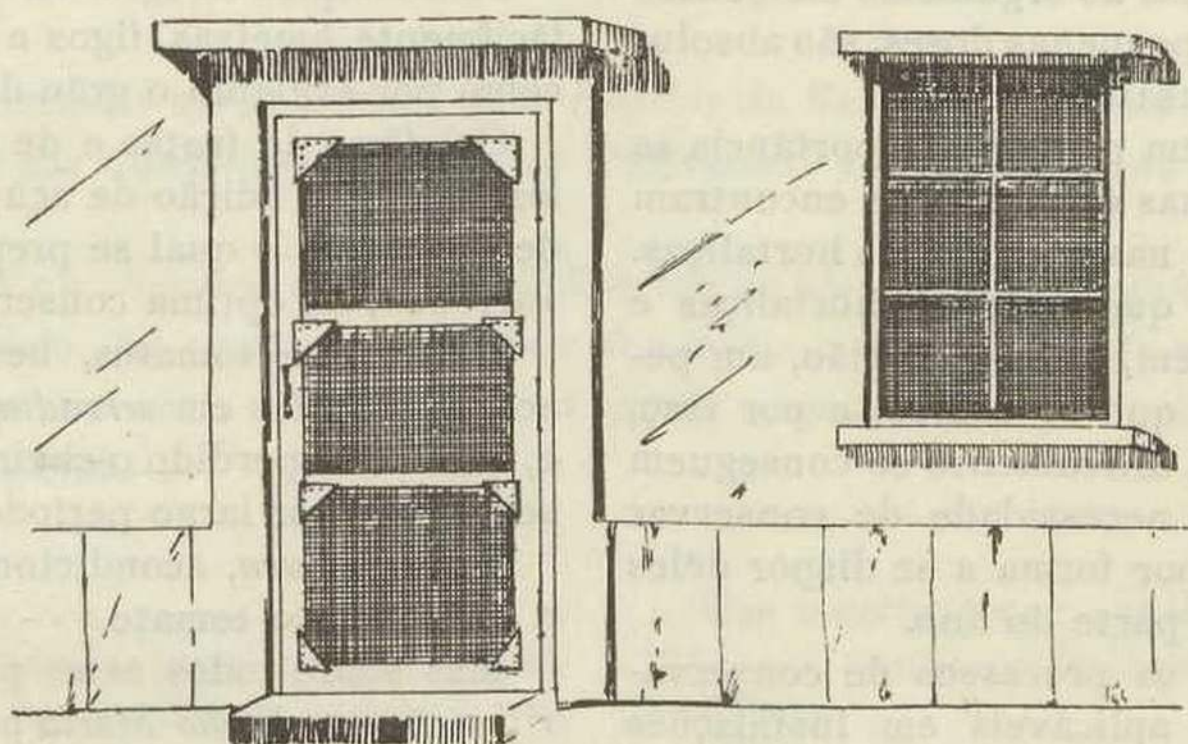
P. — Compreendo agora como tratando os doentes e combatendo os mosquitos se pode chegar a acabar com as sezões.

M. — É certamente esse o nosso maior desejo, mas conseguindo uma acentuada diminuição do número de doentes já teremos motivo para considerar proveitoso o trabalho de luta anti-sezonática.

Vamos agora a tratar do nosso amigo feitor. Levas estes saquinhos de papel com confeitos de quinino para tomares conforme vai escrito neste prospecto em que está a marcha do tratamento a seguir. Olha que é indispensável seguir à risca o que nele se

diz. Mesmo que já não sintas febre nem outros sinais de doença, vais tomando o remédio segundo as quantidades aconselhadas. Volta cá no fim do tratamento para repetir a análise do sangue e vêr se estás completamente curado.

.....



Porta e janela com rêde anti-mosquitos...
...se conservadas fechadas e sem fendas.

F. — Ora viva doutor. Cá estou conforme a nossa combinação. Dei-me bem com o tratamento, mas custei a ter força em mim para não dar alguns confeitos aos meus moços, que lá continuam com as febres. Lembrei-me das suas reco-

mendações e segui-as à risca. Não desperdicei nenhum confeito e tomei-os conforme a indicação do papel que me deu.

M. — Assim é que se faz para tirar bom resultado. Vou dar-te outra picadinha para colher uma gôta de sangue para análise. Volta cá logo que possas e traze os rapazes para serem observados e vêr o tratamento que devem fazer.



Crónica Agrícola

Pelo Sr. Engenheiro Agrônomo, *António da Cunha Monteiro*

EM qualquer regime alimentar equilibrado, o homem tem necessidade de ingerir diária ou frequentemente certos produtos que fornecem ao organismo elementos que, embora em pequenas doses, são absolutamente indispensáveis.

Entre êsses, têm principal importância as vitaminas, algumas das quais se encontram abundantemente nas frutas e nas hortaliças. Sucede, porém, que algumas hortaliças e tôdas as frutas têm, em cada região, um período, curto, em que se colhem e por isso, no resto do ano, difficilmente se conseguem obter. Daqui, a necessidade de conservar êsses produtos por forma a se dispôr dêles durante a maior parte do ano.

São variados os processos de conservação, alguns só applicáveis em instalações industriais, mas há também processos caseiros que podem usar-se facilmente na conservação das frutas e também são applicáveis a algumas hortaliças.

Não podendo alongar-nos na descrição minuciosa de cada processo de conservação, limitamo-nos a chamar a atenção para a conveniência de aproveitar os produtos na

época em que há abundância para os utilizar nos periodos de escassez:

Pela simples *secagem* ao sol se conservam facilmente ameixas, figos e outros produtos como por exemplo o grão das ervilhas.

Os *dôces* de frutas e de abóbora, podem fazer-se com adição de açúcar e com mosto de uvas, com o qual se prepara o magnifico «arrôbe», de óptima conservação.

As uvas e tomates, bem secos e sãos, acondicionados em *serradura* «curtida», isto é, que tenha perdido o cheiro da resina, conservam-se por largo período.

Em *salmoura*, acondiciona-se geralmente a azeitona e o tomate.

Mas sôbre todos êstes processos, a esterilização em *banho Maria* permite conservar a maior parte dos produtos das hortas e pomares nas melhores condições; êste processo requiere certa aparelhagem, designadamente uma caldeira ou panela adequada e frascos ou latas que possam ser fechados hermêticamente, mas não deixa no entanto de ser um processo simples e ao alcance de todos.

Em tôda a sua vida, o homem tem por dever
observar se o que faz é justo ou injusto,
se as acções praticadas
são próprias de um homem de bem
ou de um mau homem.

SÓCRATES

Digressão literária

Júlio Dinis, pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, ilustre romancista português, nasceu no Porto em 14 de Novembro de 1839 e faleceu aos 32 anos de idade, vítima de doença pertinaz.

As suas principais obras foram: «As Pupilas do Sr. Reitor», «Uma Família Inglesa», «A Morgadinha dos Canaviais», «Serões da Província», «Os Fidalgos da Casa Mourisca» e «Poesias».

A elegância e a singeleza do estilo, a delicadeza da observação, o encanto das descrições da natureza e a notação fiel e graciosa da vida e dos costumes campestres, são as qualidades mais características da sua obra. O trecho que a seguir transcrevemos foi extraído do seu livro «Serões da Província».

.....
Maquelina, quando, junto da pia baptismal do pequeno Agostinho, se declarara madrinha, à face da igreja, do filho querido de sua irmã, tinha já concebido uma alta idéia da missão que desde aquêlê momento ia adoptar por sua e para com o recém-nascido, que sustentava nos braços; nem foram para ela simples palavras de formalidade as que em tom de prédica ouvira ao pároco, sobre os seus deveres futuros. «Na falta dos pais, dissera êle, aos padrinhos compete a vigilância e a educação das crianças, que sob a sua protecção entrarem no grémio da igreja católica». Ora os pais de Agostinho lá se tinham já partido para melhor morada, e Maquelina, que, eminentemente escrupulosa em negócios de consciência, se julgava por ela obrigada a cumprir até às últimas extremidades os seus deveres de cristã, tinha de mais a mais um coração farto para afeições e sentimento.

Fechou pois os olhos aos sacrificios futuros e aceitou a companhia do afilhado.

— Êle me ajudará também — dizia consigo mesma a boa mulher, como se quisesse colorir com um pensamento egoísta o impulso, que lhe viera directamente do coração!

Nós temos destas coisas.

Mas o certo é que, apesar da melhor vontade, em pouco podia Agostinho auxiliar a madrinha.

Auxiliar de que maneira?

Emprêgo, não o pôde ela obter. Naquela cidade, como em muitas outras terras do reino, não se vêem com bons olhos os infelizes que voltam do Brasil pobres. Lá parece uma prova de pouco espirito e de nenhuma aptidão a essa boa gente um semelhante successo. O Brasil é, para ela, como o campo de batalha. Ou volta-se de lá vitorioso, ou morre-se combatendo. Fugir é de covardes.

E ora aí têm os leitores a razão por que dois meses depois da chegada de Agostinho, era ainda Maquelina quem só provia às despesas da casa, as quais, como era de supor, tinham aumentado; desenvolvendo a pobre velha esforços sublimes para um duplo resultado: obter meios de subsistência e ocultar ao sobrinho os imensos sacrificios a que para isso se sujeitava.

Mas Agostinho suspeitava-os e afligia-se.

Um dia falou à madrinha nas vozes que corriam ainda sobre as riquezas do defunto. Maquelina sorriu tristemente, respondendo:

— Pois procura-as.

Agostinho deitou-se à obra com alma, revolveu de novo o quintal a mais de um metro

de profundidade, despregou as táboas do soalho, sondou as paredes, trepou aos mais altos escaninhos da casa. . . Tudo foi inútil.

Disse adeus ainda a essa ilusão. O que valeu foi estar já costumado a despedir-se delas. A primeira vez custa mais.

No entretanto os esforços e vigílias de Maquelina arruinaram-lhe a saúde. Lutou braço a braço com a doença como lutara com a fome. Lutas heróicas que passam ignoradas, enquanto tantas outras, muito menos merecedoras das honras da epopeia, são extremamente celebradas em oitava rima.

Afinal caiu vencida no leito, e então é que o futuro se lhe mostrou carregado.

A pobre mulher não se iludia nem sobre a gravidade da sua moléstia, nem sobre as conseqüências da sua morte.

Que seria de Agostinho? Agostinho, a quem ela amava já como se amam os entes fracos que vieram procurar a nossa protecção, com esse amor bem mais intenso mesmo do que o votado aos seres que nos protegem.

Porque o primeiro lisonjeia o nosso orgulho, e o segundo, esse, revela a nossa inferioridade.

Coisas humanas.

O futuro de Agostinho era a idéia negra de Maquelina; como ela ficaria contente por morrer se não fôra isso! Mas agora custava-lhe; esta lembrança aumentava-lhe a doença. Que diria ela à irmã, quando no Céu lhe pedisse novas do filho? Que o deixara na miséria? E era isso de boa madrinha?

E estes pensamentos e apreensões definhavam-na a olhos vistos.

Agostinho aterrou-se, e reconheceu então tudo quanto tinha havido de heróica abnegação no procedimento da tia.

O seu coração de homem teve um movimento pelo qual procurou libertar-se da espécie de colapso em que infortúnios continuados o haviam lançado. Agostinho curvara a cabeça sob a corrente de desgraças que sem interrupção haviam sucedido na sua vida; agora tentava elevá-la em um último esforço.

— E' preciso tentar fortuna — dizia elle consigo. — Amanhã de manhã saírei a pe-

dir trabalho, a tudo me quero sujeitar, a tudo.

E adormeceu com este pensamento, sonhando-se daí a pouco em uma mina de ouro, onde, ao fim de muita fadiga, só conseguiu extrair enormes pedras de carvão.

O leitor pode imaginar toda a agradável voluptuosidade de semelhante sonho.

Por a manhã ergueu-se disposto a realizar o projecto da véspera; mas foi encontrar a tia em um estado tão assustador, que não teve ânimo para abandoná-la.

— Não tem de ser! — disse consigo Agostinho, a quem a desgraça quasi tornara fatalista.

Maquelina mostrava-se de facto em risco iminente.

O facultativo de partido veio vê-la; pois Maquelina havia enfim conseguido entrar no quadro dos pobres.

Tomou-lhe um pulso, depois o outro; deu-lhe três pancadas do lado direito do tórax, igual número do esquerdo; pousou-lhe o ouvido sobre as descarnadas costelas, e, como se escutasse lá dentro os passos da morte, ergueu-se e fez um gesto de descontentamento visível.

Receitou um chá de alteia e saiu.

Agostinho esperava-o à porta.

— Então?

O médico puxou pelo relógio, ao qual principiou a dar corda, dizendo, com a indiferença profissional:

— Como àquela máquina se não dá corda como a esta, pára dentro em poucas horas.

Agostinho sentiu subirem-lhe as lágrimas aos olhos.

O médico voltou-se ainda de novo para dizer:

— Eu escuso de cá voltar, agora o padre.

Estas palavras, ditas em tom mais alto e da maneira mais natural possível, como as sabem dizer alguns adeptos da ciência hipocrática, que se jactam de fortes, chegaram aos ouvidos de Maquelina, que juntou as mãos, e, erguendo os olhos ao céu, disse com voz débil:

— Aqui está a serva do Senhor, cumpra-se em mim a sua santíssima vontade.

Quando Agostinho entrou no quarto, encontrou-a resignada.

Nessa mesma tarde confessou-se e sacramentou-se aquela pobre de Cristo.

Na cidade dizia-se:

— Coitada! o irmão matou-a. Morre de fome e fadiga e com dinheiro em casa.

Era forte cisma a do povo.

Mas há dessas teimas.

Ao pé da noite pediu Maquelina um chá para mitigar a sede. Naquele dia não se acendera ainda o lume em casa. Agostinho esquecera-se de comer, e se se lembrasse não sei bem o que teria sucedido.

Melhor foi que se não lembrasse.

Agostinho correu a cozinha, reuniu a custo alguns cavacos já meio queimados para acender o lume, e voltou à sala.

Maquelina dava-lhe instruções da cama.

— Ainda achaste lenha?

— Achei, sim, madrinha.

— Bem; ora agora... Essa lamparina está acesa ainda?

— Está, madrinha, está, pois não vê?

— Não, filho, já a não vejo.

Havia neste *já* uma significação que comoveu Agostinho.

Ela continuava:

— Encontraste carqueja?...

— Não, madrinha... mas...

— Valha-me Deus — disse ela, lutando já com dificuldades para se fazer ouvir. — Olha, sabes, aí... na gaveta do toucador... está uma papelada de que... às vezes me sirvo para economizar. Acende alguma na... lamparina e... Ai! — terminou ela com um suspiro, que o longo esforço que tinha feito para falar lhe tornara necessário; e depois em voz baixa acrescentou:

— Louvado seja o Senhor, a que estado eu cheguei!

Agostinho abriu a gaveta.

— Aí — continuou Maquelina com voz sumida e trémula.

— Achaste? bem... ora agora...

Agostinho inflamou à chama escassa da lamparina um dos papéis que tirara do velho toucador da tia.

— Isso — disse esta, satisfeita por se ver compreendida.

Às sombras indistintas que reinavam no aposento sucedeu a claridade da labareda, mas foi de pouca duração. Ainda não teria ardido metade do papel, já Agostinho, soltando um grito inexprimível, o atirara ao chão, abafava-o com os pés, precipitando ao mesmo tempo, pela vivacidade do movimento, a lamparina, que se fez em pedaços.

A escuridade tornou-se completa.

— Que foi, santo nome de Jesus! que foi, Agostinho? — dizia assustada Maquelina, erguendo-se a meio corpo.

— Que papéis eram estes minha madrinha?

— Eu sei lá, filho; mas que foi? valha-me o Senhor.

— Uma luz! uma luz! — bradou Agostinho fora de si; e saiu repentinamente da casa, atravessou a rua, enfiou pela primeira porta que encontrou aberta, galgou um lanço de escadas, penetrou em um quarto onde trabalhavam pacificamente algumas mulheres, apoderou-se da luz que viu no meio da mesa, em volta da qual elas se formavam em círculo, e, sem dar uma única palavra, saiu arrebatado, deixando em completa estupefacção as circunstantes, que só passados minutos voltaram a si, para correrem atrás do mancebo, que parecia possesso.

Agostinho entrou de novo no quarto da tia moribunda, aproximou-se do lugar onde deixara os restos do papel meio consumido, apanhou-o, examinou-o com escrupulosa atenção, depois correu à gaveta do toucador, sujeitou a igual exame os papéis semelhantes que aí estavam a monte.

— Por amor de Deus, madrinha... mas... donde vieram estes papéis? — exclamou ele, ao passo que um por um os passava em revista.

Maquelina, apoiada no braço convulso e com os olhos espantados, olhava para o sobrinho estupefacto.

— Eram do mano, o Senhor o tenha em glória; guardava-os naquela arca; ele sempre me disse que de nada valiam, e agora que eu me via precisada ia-os queimando, para...

— Mas, valha-nos a Virgem! era uma riqueza inteira que queimava assim!

— Que dizes tu, filho?

Os combustíveis da tia Maquelina eram nem mais nem menos que boas e excelentes notas de banco, às quais o velho Cipriano reduzira os seus haveres, porque o amedrontava o tinir do dinheiro metálico, como chamariz de ladrões: enquanto que por outro lado nunca se pudera resignar a separar-se do seu querido capital, em cuja contemplação saboreava aquela doce voluptuosidade só dos avarentos conhecida.

Quando se procedeu a investigações em casa de Maquelina para descobrir o tesouro oculto, esqueceram-se, como quasi sempre acontece, de examinar os lugares por onde deviam ter principiado; enquanto profundavam a terra e escavavam as paredes, ninguém se lembrou de abrir a pequena gaveta, que nem chave tinha sequer, e onde Maquelina alojara toda a riqueza. Mas quem o podia supor!

O instinto do povo não o enganara desta vez.

Cipriano era de facto rico. Viveu uma vida de privações, praticou um negócio de alta usura debaixo das maiores cautelas e mistério impenetrável; aí está explicada a sua riqueza.

E' receita infalível para chegar ao mesmo resultado; as pessoas a quem não nausearem os ingredientes, adoptem-na, porque não falha.

Desconfiando de todos, da própria irmã desconfiava, e dava-lhe por isso a entender que de nenhuma importância eram os papéis que ela às vezes por acaso chegara a descobrir.

Maquelina era ignorante, e nem imaginava sequer que se pudesse ter uma riqueza em papéis. Na sua inteligência, como na das crianças, a idéia de riqueza andava associada à de muito dinheiro em ouro e prata; gavetas, cómodas, caixas e burras cheias d'ele; e

por isso ia queimando agora lentamente aquêlê tesouro que o irmão accumulara; e isto com o fim de poupar carqueja!

Cleópatra, brindando os amantes com soluções de pérolas preciosas, não conseguiu ser mais magnífica.

Era um passatempo de milionário o de Maquelina.

Se Deus lhe prolongasse a vida, até onde iria aquella monstruosa combustão? Que soma enorme seria aniquilada!

E ainda assim quanto não consumiria! Nunca se pôde calcular.

Há o que quer que é de sublime neste quadro. Uma mulher velha, caquética, esfo-meada, agonizante, tendo ao alcance do braço uma riqueza, como ela nem sequer concebera nos seus mais ambiciosos sonhos, e queimando-a!!

A noticia inesperada que recebia agora, imprimiu àquella existência o derradeiro abalo. A alma, já quasi desapegada do corpo, abandonou-o de todo e partiu.

À meia noite morreu a santa criatura, contente, porque deixara rico o sobrinho e afilhado, único parente que possuía na terra.

Ainda assim, quando se divulgou a noticia, o que, graças à comunicabilidade das mulheres a quem Agostinho usurpara a luz, e que foram as primeiras a sabê-la, se não fez esperar muito, houve quem se penteasse como herdeiro.

Faria rir se expuzesse aqui os fundamentos das pretensões desta gente, e eu não quero fazer rir o leitor, a quem peço antes uma lágrima para a memória de Maquelina.

Não seguiremos agora a história de Agostinho, que se modela por a de todos os homens ricos.

Apenas direi que por suas especulações comerciais conseguiu multiplicar o capital tão inesperadamente herdado, e hoje é milionário.

Vejam o instinto do povo!



Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 852 — Peço dizer-me se a taxa que indico está certa:

Transporte em pequena-velocidade, de Tórres Novas a Sacavém, de 3 bidões de ferro com azeite de oliveira para consumo, 1.800 Kg. Repesada à chegada acusou 1.750 Kg.

Tarifa Especial 1 — Tabela 10

Cálculo da quebra $\frac{1750 \times 2}{100} + 1750 = 1785$ Kg.

Preço $4\$11 \times 6 \times 1,79$	44\$15	
Imposto 5,05 % s/44\$15.....	2\$23	
Assistência.....	\$15	
	46\$53	
Adicional de 10 %	4\$66	51\$19
Manutenção $13\$00 \times 1,79$	23\$27	
Registo	1\$00	
Aviso de chegada.....	1\$00	
Arredondamento	\$04	
Total.....	76\$50	

R. — A taxa apresentada está errada visto que, tratando-se de azeite acondicionado em taras de ferro (estanques) não lhe é atribuída quebra natural. Segue taxa como corresponde:

93 Km. — Tarifa Especial n.º 1 de P. V. — Tabela 10

Preço $4\$11 \times 6 \times 1,75$	43\$16	
Comp. imp. ferrov. .	} Selo 2\$18 Assistência.. \$15	
	45\$49	
Adicional de 10 %	4\$55	50\$04
Manutenção $(2\$50 + 4\$00) \times 2 \times 1,75$	22\$75	
Registo	1\$00	
Aviso de chegada	1\$00	
Arredondamento	\$01	
Total.....	74\$80	

Nota-se que o processo utilizado pelo consultante para efeito de determinar a quebra natural é errado não tendo tido em vista o estabelecido no artigo 20.º do Livro E 14.

Exemplifica-se a forma de encontrar a quebra natural:

Pêso à chegada 1750 Kg. — Quebra natural 2 %.

$$\frac{1750 : 98}{100} = 1785 \text{ quilos}$$

O azeite ou qualquer outro líquido transportado em taras de ferro ou de zinco (estanques) não sofrem quebra natural, visto não poder haver evaporação ou absorção de líquidos, como acontece com as taras de madeira.

P. n.º 853 — Está certa a seguinte taxa?

Transporte de 7 sacos com farinha de trigo para consumo, de Coimbra a Lousã, em grande velocidade, com o pêso de 528 quilogramas.

29 Km. — Tarifa Geral — Base 5.*

Transporte $5\$18 \times 11 \times 0,53$	30\$20
Adicional de 10 %	3\$02
Manutenção $(2\$50 + 4\$00) \times 2 \times 0,53$	6\$89
Registo e Aviso de chegada.....	2\$00
Arredondamento	\$04
Total.....	42\$15

R. — Está certa.

P. n.º 854 — Peço dizer-me se a taxa que indico está certa:

Transporte em pequena velocidade de um vagão com: 30 sacos de feijão sêco, 3000 Kg.; 34 sacos de batata comum, 2700 Kg.; 25 fardos de bacalhau sêco, 1500 Kg. e 20 sacos de açúcar refinado, 1750 Kg., de Ovar a Aveiro Canal.

Tarifa Geral

Preço feijão $1\$44 \times 11 \times 3$	47\$52
» bacalhau $1\$53 \times 6 \times 1,5$	13\$77
» açúcar $1\$77 \times 6 \times 1,75$	18\$59
	79\$88
Adicional de 10 %	7\$99
	87\$87
Preço batata $1\$44 \times 6 \times 3,75$	32\$40
Manutenção $5\$00 \times 10$	50\$00
Registo	1\$00
Aviso de chegada	5\$00

Canal:

Feijão $\$25 \times 11 \times 3$	8\$25
Bac. e açúcar $\$25 \times 6 \times 3,25$	4\$88
	13\$13
C.º Imp. (5,05 % s/13\$13)	\$67
	13\$80
Adicional de 10 %	1\$38
	15\$18
Batata $\$25 \times 6 \times 3,75$	5\$63
C.º Imp. (5,05 % s/5\$63)	\$29
	5\$92
Arredondamento	\$03
Total.....	197\$40

R. — Está errada a taxa. Segue como corresponde:

29 Km. — Tarifa Geral

Feijão seco.....	3.000 kg. — 3. ^a cl. \times 11 c/100%
Batata comum.....	2.700 kg. — 3. ^a cl. \times 6 s/100%
Bacalhau seco.....	1.500 kg. — 2. ^a cl. \times 6 c/100%
Açúcar refinado.....	1.750 kg. — 1. ^a cl. \times 6 c/100%

8.950

Pêso virtual a adicionar ao da batata:

Art. 97.^o Tarifa Geral 1.050 kg.
10.000 kg.

Preço feijão seco	$1\$44 \times 11 \times 3,00..$	47\$52
» bacalhau seco	$1\$53 \times 6 \times 1,50$	13\$77
» açúcar refin.	$1\$77 \times 6 \times 1,75.$	18\$59
		79\$88
Adicional de 100%		7\$99
		87\$87
Preço batata comum	$1\$44 \times 6 \times 3,75$	32\$40
Manutenção	$2\$50 \times 2 \times 10$	50\$00
Registo		1\$00
Aviso de chegada		5\$00

Canal:

Preço	$\$25 \times 11 \times 10$	27\$50
C. ^o Imposto (5,05% s/27\$50)		1\$39
		28\$89
Adicional de 100%		2\$89
		31\$78
Total.....		208\$05

Nota-se que, quando uma remessa conste de mais de uma mercadoria, a que correspondam multiplicadores diferentes, a taxa do ramal é calculada pelo multiplicador 11, caso este já esclarecido pelo Aviso ao Público A 528. O mesmo critério se segue para o adicional de 100%.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Carta-Impressa n.º 72 — Rectificação de lapsos tipográficos na Tarifa Especial n.º 4 — Passageiros. (Bilhetes de assinatura).

Aviso ao Público A n.º 850 — Regula a venda de bilhetes simples e despacho directo de bagagens entre as estações de Lisboa-Rossio e Madrid-Delfeias, para o comboio rápido «Luzitânia-Expresso».

Aviso ao Público A n.º 851 — Regula a venda de bilhetes simples e despacho directo de bagageus entre a estação portuguesa de Porto e as estações espanholas de Vigo, Pontevedra, Santiago e Corunha.

Aviso ao Público A n.º 852 — Anuncia a abertura à exploração, para serviço de passageiros sem bagagem, do apeadeiro de Fernando Pó.

1.^o Aditamento à Tarifa de Camionagem em Coimbra — Estabelece novos preços de camionagem na cidade de Coimbra.

14.^o Aditamento à Tarifa Especial n.º 1 — Passageiros — Substitue os quadros de preços correspondentes à 2.^a Zona

Aditamento n.º 4 à Classificação Geral — Altera o tratamento tarifário aplicável a várias rubricas da Classificação, entre as quais o álcool, a batata comum e a cerveja.

10.^o Aditamento à Tarifa Especial n.º 8/108-G. V. — Substitue a redacção da disposição desta Tarifa, respeitante a Camionagem.

Tarifa de Operações Aduaneiras em Valença, Barca de Alva, Marvão-Beirã e Elvas — Publicação de nova Tarifa que anula a que vigorava desde 1 de Setembro de 1931.

II — Fiscalização e Estatística

Carta-Impressa n.º 378 — Prorroga o prazo, até 28 de Fevereiro, de validade dos bilhetes de identidade do quinquênio de 1940/1944, concedidos pela Beira Alta ao seu pessoal e pessoas de família.

Carta-Impressa n.º 379 — Autoriza as estações da Antiga Rede a receber, dos sócios do Sindicato Nacional, as listas para a eleição dos Corpos Gerentes.

Carta-Impressa n.º 380 — Determina o envio pelas estações, Despachos Centrais e transmissões dos impressos pertencentes ao Serviço da Fiscalização e Estatística utilizados até ao ano de 1942.

Carta-Impressa n.º 381 — Autoriza as estações do Minho e Douro a receber, dos sócios do Sindicato Nacional, as listas para a eleição dos Corpos Gerentes.

Comunicação-Circular n.º 312 — Autoriza o Sr. Joaquim Gomes de Melo, de Mealhada, a despachar, nas estações nacionais de via larga, as suas remessas de plantas vivas, em portes a pagar.

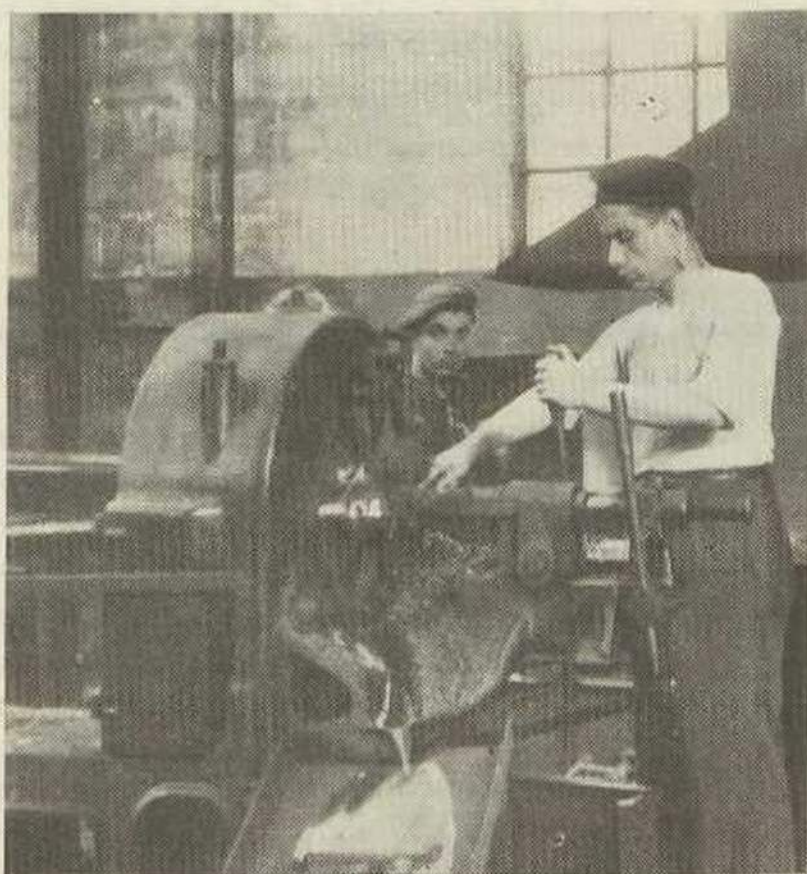
Comunicação-Circular n.º 313 — Avisa o pessoal para não pôr impedimento à fiscalização feita por agentes não designados na Circular n.º 977, de 10 de Dezembro de 1943.

Factos e Informações

Transportes aéreos

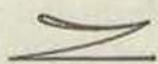
Não obstante as dificuldades provocadas pelo estado de guerra, os Estados Unidos da América do Norte estão a construir em Idlewild, perto de Nova Iorque, um grandioso aeroporto, com capacidade para o tráfego diário de 30.000 passageiros.

Calcula-se que este aeroporto que possuirá 12 pistas, com cerca de 3 quilómetros de extensão, cada uma, esteja concluído em 1950.



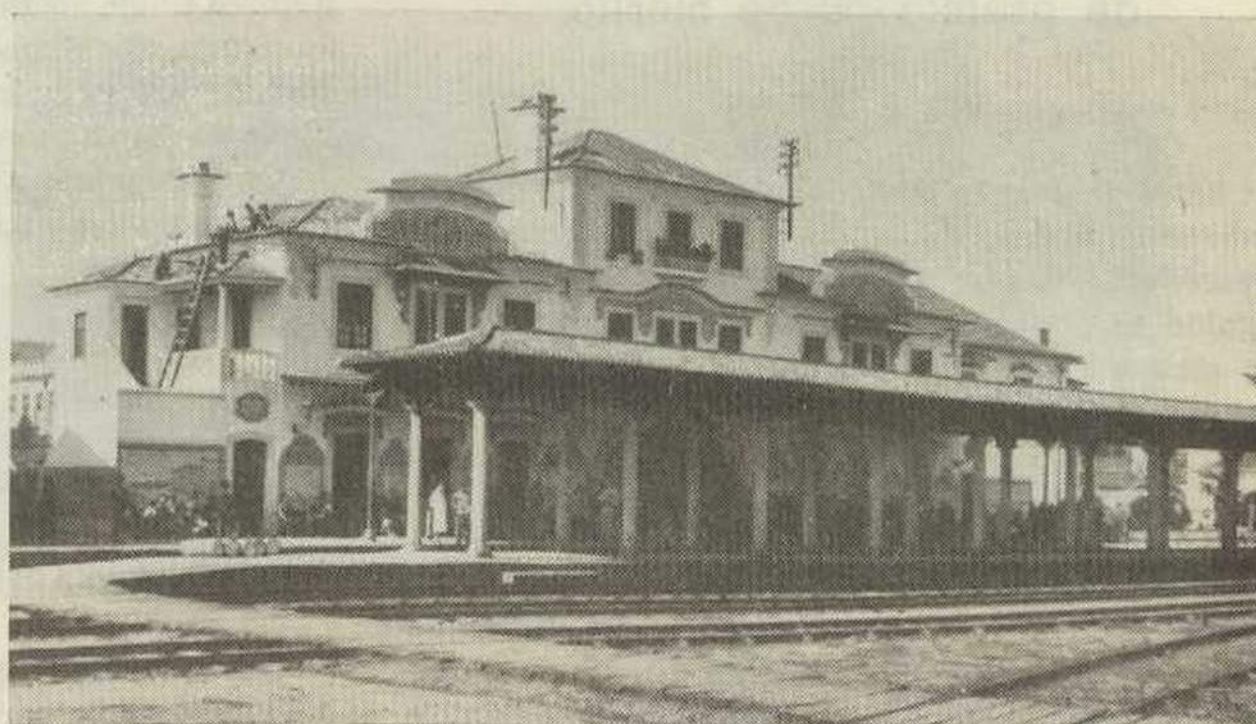
Na estação de Vale de Prazeres, na linha da Beira Baixa: a chegada do comboio.

Fotog. de Jaime de Moraes Pereira, Empregado de 2.ª classe da Contabilidade Central.



Em cima: A nossa reportagem fotográfica: na Oficina de Ovar.

Ao lado: Aveiro, a linda cidade do Vouga, possui uma bonita estação: o edifício de passageiros.



Pessoal

AGENTES QUE COMPLETARAM 40 ANOS DE SERVIÇO



José Nunes Martins

Chefe de Secção,
do Serviço do Movimento
Nomeado Escriurário auxiliar
em 28 de Março de 1905,



Joaquim Fernandes

Fogueiro de 2.^a classe,
no Depósito de Campanhã.
Admitido ao serviço em 13 de Fe-
vereiro de 1905.



António da Silva Frade

Capataz principal, de Setil
Nomeado Carregador em 21 de
Março de 1905

Exames

EXPLORAÇÃO

**Praticantes de estação aprovados para Aspi-
rantes nos exames realizados no mês de Janeiro
de 1945:** Mário Cardoso Mendes Salgueiro, João
Freixo Pires, Francisco Rodrigues Neto, Joaquim Ca-
meira Calado e João da Silva Galhote.

Agentes que obtiveram diploma de prémio ou de mérito

VIA E OBRAS

Chefes de distrito e Sub-Chefes de distrito desem-
penhando as funções de Chefes, que se tornaram
merecedores de serem gratificados por se terem dis-
tinguido na conservação da linha no ano de 1944, e
que melhor resultado tiraram, tanto em rendimento
como na qualidade de trabalho:

António D. Cajada, Chefe do distrito 2/5.^a; Domín-
gos de Oliveira, Chefe do distrito 1 13.^a; David Silva,
Chefe do distrito 84; José Miguel, Chefe do distrito 91;
Joaquim A. Cartaxo, Chefe do distrito 3; António Ma-
tos, Chefe do distrito 125; Felipe Duarte, Chefe do
distrito 20; José Carvalho, Chefe do distrito 23; Fran-
cisco Ferreira, Chefe do distrito 64; Eudócio Santos,

Chefe do distrito 75; João Santana, Chefe do distrito
116; Manuel L. Lopes, Chefe do distrito 117; Manuel
Ferreira, Chefe do distrito 27; Manuel Lopes, Chefe
do distrito 39; Moisés O. Calado, Chefe do distrito 79;
Afonso Bernardo, Chefe do distrito 401; António Dias,
Chefe do distrito 406; José M. Gonçalves, Chefe do
distrito 418; Urbano Aguiar, Chefe do distrito 424;
Paulino Martins, Chefe do distrito 426; António J.
Piteira, Sub-Chefe do distrito 207 (a); Joaquim A. Mar-
tins, Sub-Chefe do distrito 280; Custódio E. Breu,
Chefe do distrito 209; Manuel Santos, Chefe do distrito
210; José Sebastião, Chefe do distrito 249; Manuel
Refôrço, Chefe do distrito 218; António Ventura, Chefe
do distrito 286; Manuel Alcácer, Chefe do distrito 291 (b);
José M. Farias, Chefe do distrito 237 e Vergílio Martins,
Chefe do distrito 245.

Os dois primeiros foram premiados com 200\$00 e
os restantes com 100\$00.

(a) Está presentemente no distrito 13.

(b) > > > > 211.

Nomeações

Em Janeiro

SECRETARIA DA DIRECÇÃO GERAL

Servente do Depósito de Impressos: o Carrega-
dor, António Carvalho Ratinho.

Serventes dos Escritórios Centrais: os Carregadores suplementares, Manuel Lopes Marques Claro, Joaquim das Neves, António Duarte e Sebastião Fernandes Júnior.

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Médico substituto da Assistência domiciliária de Lisboa: Dr. Abel Festas Cancela de Abreu.

Médico da 20.^a Secção, com sede em Amadora: Dr. Luiz Pereira Dias Malheiro.

EXPLORAÇÃO

Encarregado de Contabilidade: Laurentino José Vinagre.

Aspirantes: Hilário Gomes Rodrigues, José de Carvalho, Eduardo da Silva, Manuel Martins, Manuel António Alves, João Cordeiro Valente, Francisco Lopes Farto, António Teixeira de Mesquita, Eduardo Alexandre, Manuel Poças, Elísio Duarte Ribeiro, António de Matos Tomé, António de Oliveira Santareno, Manuel Loio Simões Raínho, Carlos Bento Correia, José Simões Louro, Abílio Soares Fernandes Bar-

reiro, José Marques Carrilho, Luís Carapêto Dias, João de Jesus Leonardo, Joaquim Rodrigues Tomé, José Valente, Vergílio Dias, Ildefonso Duarte, José da Cunha, Albino da Cunha, Joaquim Leal Rebola Júnior, Alvaro Jorge Nuno, José Leandro Miguel de Oliveira, Tomás Lavoura Candeias, José Gomes da Silva Queiroz, Augusto Machado, Jorge Alves Pinto, Francisco Ferreira Marques, António Eugénio David, José Pereira Lopes, Alberto Luís Venceslau, António Rodrigues Guerra, Manuel Augusto da Silva, Manuel Lopes, Manuel da Silva Lopes, Arsénio Baltazar Estêves, João Oliveira Girão Ramallete, José Maria Gaspar Júnior, Manuel Dias, Ludgero Marques Esparteiro, Manuel Lourenço Cadete, Ernesto Marques, José Ferreira da Silva, José da Silva Motas, Fernando Lopes, Eduardo Neves Martins, Emílio Alfredo Monteiro, José Nogueira dos Santos, José Botão Moreira, Manuel Duarte Gameiro, Jaime Duarte Silva, Gildo Barral Tormenta, Fernando Pereira dos Santos, Humberto Ferreira da Silva, António Martins, José da Cruz Galinha, Joaquim Jorge, Jacinto Lourenço Grossinho, Sérgio Amabélio dos Santos, Joaquim da Silva Rosa, Henrique da Costa Alagôa e Fernando Acácio Moreno.

Revisores de 3.^a classe: António Simões, Futuro



Cidade de Lamego

*Fotog. do Eng.º A. Ferrugento Gonçalves,
Chefe de Serviço da Divisão da Via e Obras.*

Faria da Silva, Anacleto Encarnação Abreu Tapadinhas, Artur Máximo, Joaquim Lopes, Manuel Martins Leal Pinto, Mário Morais Lopes Cardoso, Álvaro dos Santos Duarte e Adriano Barbosa da Silva.

Guarda-freios de 3.^a classe: Lino Gomes da Conceição, Manuel Duarte, Abílio Rosa Félix, António Vieira Amaro, António Moreira dos Arcos, José da Conceição Caveirinha, João Valentim, Américo Diogo, José dos Santos, Adriano Monteiro, António Rôlo, José Rodrigues Couraça, Luís Rafael dos Prazeres Florêncio, José Gonçalves Carito, Augusto Pereira Lopes, Artur Monteiro da Paixão, José Alves da Rocha, António Gameiro, António Caldeira Mantas, Alfredo das Neves, Gonçalo de Oliveira, José Carrilho Capelão, António Franco Couto, Gumerindo Pereira Cardoso, Arménio de Oliveira Gonçalves Maia, Joaquim Alves Saraiva, Faustino Vieira Pereira, Álvaro Vilarinho Quintas, José Rodrigues, Eduardo Peixinho, Alfredo José Fonseca, Rafael dos Santos, Joaquim Fernandes Couto, Amadeu Rodrigues Café, António Cardoso Mendes, Carlos Agostinho, Francisco Marques, Faustino Neves Pardal, José Francisco de Almeida, José Mendes Infante, Angelo Rafael Cardoso, Custódio Ramos Alves, Manuel Daniel Tavares da Rocha, António Henriques, José Moreira Martins, Manuel Martins, Jaime Monteiro, António Guerreiro Martins, Aníbal da Fonseca Salvaterra, Joaquim de Sousa Gião, José Loureiro, José Dias Estevinha, Eduardo Oliveira Valentim, e António Garcia Pereira Gôrdo.

Serventes de Escritório: António Tomé, Joaquim Araújo Fernandes, Bernardino da Cruz, Manuel Rocha, Joaquim Lopes Quedas, Fernando Pinheiro e José de Almeida.

MATERIAL E TRACÇÃO

Empregado de 3.^a classe: Cândido António.

Fogueiros de 2.^a classe: Joaquim Bernardo da Ponte, Viriato Moreira Mourinho, João Félix de Sousa Belchior, Manuel Martins, Francisco Eduardo Parra Júnior, Olindo Augusto Duarte Soares, Albino Joaquim Rodrigues, Joaquim Ferreira de Carvalho, Augusto Rodrigues, Joaquim Travasso Cêra, Manuel Gerardo, António Augusto, Jacinto Pedro, Manuel Pedro Garcia, David da Silva Tavares, António Maria Barreiros, Diamantino Pereira Rodrigues, Ramiro da Costa Santos, Américo Jorge, José Dias Vieira, João Fernandes Craveiro, José António, Carlos Ferreira, Francisco Agostinho, Diamantino José, António Manuel Silvestre, António da Paixão de Carvalho, Andreino Gomes Arada, Francisco Pereira, Mário Pereira Gouveia, Faustino Leite Mendonça Malheiro, José Maria Alves Costa, António Joaquim Moreira Jorge e Carlos da Costa Carvalho.

Ensebadores de 2.^a classe: Joaquim Moreira, António Vítor Júnior, Boaventura Rezende, Fernando Folgado Parro, João Pimentel Girão Tarrafa, Joaquim Adelino Bento, José Mendes Gonçalves, Francisco

Fernandes Alcobaça, Albino Fernandes da Costa e Joaquim Nunes dos Santos.

Limpadores: Joaquim Henriques Marinheiro, Francisco Rodrigues Mortágua, Francisco Soares Dias, António Joaquim Carvoeira, Daniel Pinto, Manuel, Joaquim Guerreiro, Joaquim Manuel Serafim, José Dias Pereira, António Coelho, José Mariano, Amândio Faustino do Nascimento, Jorge José Cerqueira, Libório Augusto de Mira, Cipriano Augusto de Mendonça, António Correia Roque Vaz, Virgílio Vicente, Álvaro Fernandes Manito, Manuel Afonso de Lemos, Mário Correia Leal, João Francisco da Conceição, Dionísio Joaquim, António Correia de Carvalho, Manuel Carraça Geral Júnior, Saúl Horta da Costa Leal, Gualter Augusto Barreira Aguiar, Alfredo Mendes Garcia, António Carvalho, José Ferreira Guardado, Manuel Marques, Agostinho Augusto, Mário Maia Barbosa, Fernando Sardinha Carvalho, Manuel Rodrigues, Francisco Correia Cardoso, Avelino da Costa Ferreira, José Castanheira, António Ferreira Lourenço, Manuel da Costa Manuel António Ferreira, David Tavares Pimentel, Eduardo Pires, Silvário Marques, Abílio Vieira Duarte, José de Oliveira Marques, Diamantino Pereira Peiriço, António Rodrigues, Manuel Monteiro Girão, Joaquim Bernardes Vieira da Silva, Manuel Ferreira Júnior, José de Sousa Paiva, Amadeu Loureiro, João Ferreira Gomes, António Teixeira da Silva, Manuel Martins de Miranda, Manuel Pacheco, Ernesto António, Manuel Ferreira da Silva, José Primo de Oliveira, Manuel Ferreira de Sousa Carneiro, José Simões dos Santos Campêlo, José Rufino Coelho de Lacerda, António de Sousa, Duarte Gonçalves, António da Costa e Silva, Norberto Mendes, Manuel da Costa Barbosa, Joaquim Nunes Barbosa Pinhão, António Monteiro Alves, António Francisco Monteiro, Manuel Joaquim Pereira Monteiro, Amarino Gonçalves Amorim, Augusto Teixeira, José Joaquim Moreira Dias e Manuel Moreira de Sales Gomes.

VIA E OBRAS

Empregada de 3.^a classe: Ilda Nunes dos Reis Saramago.

Colocações

VIA E OBRAS

Em Janeiro

Auxiliares permanentes «adidos», colocados como Assentadores: António Pereira e Carlos Graça.

Mudanças de categoria

Em Janeiro

EXPLORAÇÃO

Para:

Fiscal de material de incêndios: o Chefe de 3.^a classe, Alberto Teixeira Bravo.

Sub-Chefe de repartição: o Chefe de 1.^a classe, Augusto Alves Zenha.

Empregados de 2.^a classe: os Factores de 1.^a classe, Sebastião Gonçalves Areias e Fernando Augusto Monteiro.

Escrivão: o Aspirante Aníbal Matias Ribeiro.

Praticante de escritório: o Carregador suplementar, António de Sousa.

Aspirante: o Conferente, António Vieira.

Servente de escritório: o Carregador, José Vieira Leitão.

MATERIAL E TRACÇÃO

Chefe de escritório de 3.^a classe: o Chefe de Secção, Manuel de Oliveira Freire.

Reformas

EXPLORAÇÃO

Em Dezembro de 1944

Amilcar Pedro, Carregador, de Pombal.

Em Janeiro

Abel Eurico da Silveira Almendro, Chefe de Repartição dos Serviços Gerais.

Joaquim Duarte Guterres, Inspector da 7.^a Secção de Serviço Geral.

Artur Augusto de Sousa, Chefe de Secção da 3.^a Circunscrição.

Heitor Pais do Nascimento, Empregado principal, dos Serviços Gerais.

José Luis Dupont de Sousa, Chefe de 2.^a classe, de Palmela.

José Coelho Palmela, Condutor principal da 4.^a Circunscrição.

Manuel Joaquim dos Santos, Condutor de 2.^a classe, da 5.^a Circunscrição.

António Rodrigues, Porteiro, de Lisboa P.

António Pinheiro Coutinho, Guarda, de Alfândega.

Boaventura da Silva Patrício, Carregador, de Recarei.

Eduardo Pinto, Carregador, de Campanhã.

Manuel Teixeira, Carregador, de Alfândega.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Janeiro

Joaquim José da Costa Júnior, Inspector principal

Manuel Pereira do Carmo, Chefe de Secção.

Carlos Silva Leal Damasceno, Empregado principal.

Joaquim Cardoso Gomes Pinheiro, Limpador.

Angelo Pimenta Guerra, Limpador.

VIA E OBRAS

Em Janeiro

Manuel Luis Lopes, Chefe do distrito 117, Barca de Amieira.

Manuel da Silva, Sub-chefe do distrito 4/5.^a Secção, Marinha Grande.

João Rosário Sotero, Sub-chefe do distrito 68, Oliveira do Bairro.

Joaquim de Oliveira, Assentador, do distrito 58, Alfaias.

Leonor Maria, Guarda, do distrito 68, Oliveira do Bairro.

Falecimentos

EXPLORAÇÃO

Em Janeiro

† *António de Almeida Falcão*, Fiel de estação, de Porto-Alfândega.

Admitido como Praticante em 1 de Março de 1913, foi nomeado Factor de 3.^a classe em 6 de Dezembro de 1916 e promovido a Fiel de estação em 18 de Outubro de 1924.

† *Américo Henrique dos Santos*, Factor de 2.^a classe, de Tua.

Admitido como Praticante em 4 de Novembro de 1920, foi nomeado Factor de 3.^a classe em 1 de Julho de 1929 e promovido a Factor de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1939.

† *Simplicio Leitão*, Fiel de 2.^a classe, de Alcântara Terra.

Nomeado Carregador em 21 de Agosto de 1921, foi promovido a conferente em 21 de Janeiro de 1924 e Fiel de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1942.

† *António Soares Barbosa*, Revisor de 2.^a classe, de Campanhã.

Admitido como Boletineiro em 5 de Julho de 1919, foi promovido a Conferente em 21 de Outubro de 1935.

Em 1 de Abril de 1938 foi nomeado Revisor de 3.^a classe, tendo finalmente sido promovido a Revisor de 2.^a classe em 1 Setembro de 1944.

† *Lucilio Gomes Trindade*, Guarda-freios de 2.^a classe, de Entrancamento.

Admitido como Carregador suplementar em 24 de Novembro de 1923, foi nomeado Servente em 21 de Maio de 1925 e Guarda-freios de 3.^a classe em 1 de Outubro de 1929; tendo sido finalmente promovido a Guarda-freios de 2.^a classe em 1 de Julho de 1941.

† *Custódio Valente*, Guarda-freios de 2.^a classe, de Campanhã.

Admitido como Carregador eventual em 11 de Dezembro de 1917, foi nomeado Guarda-freios de 3.^a classe em 1 de Março de 1929 e promovido a Guarda-freios de 2.^a classe em 1 de Julho de 1942.

† *Frederico José Principe*, Guarda-freios de 2.^a classe, em Campanhã.

Admitido como Carregador eventual em 14 de Outubro de 1919, foi nomeado Guarda-freios de 3.^a classe em 1 de Novembro de 1928 e promovido a Guarda-freios de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1941.

† *João Francisco*, Agulheiro de 3.^a classe, de Garvão.

Admitido como Carregador auxiliar em 11 de Agosto de 1915, foi nomeado Carregador efectivo em 28 de Outubro de 1919 e promovido a Agulheiro de 3.^a classe em 21 de Fevereiro de 1928.

† *Severino Maria Machado*, Agulheiro de 3.^a classe, de Serpa.

Admitido como Carregador suplementar em 17 de Outubro de 1936, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Outubro de 1942 e promovido a Agulheiro de 3.^a classe em 1 de Maio de 1944.

† *António Tarujo*, Faroleiro de Beja.

Admitido como Carregador auxiliar em 19 de Setembro de 1918, foi nomeado Carregador efectivo em 29 de Novembro de 1919 e Faroleiro em 21 de Julho de 1941.

† *Joaquim Taborda*, Carregador, de Entroncamento.

Admitido como Carregador suplementar em 6 de Maio de 1924, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Dezembro de 1926.

† *Inácio da Silva Gabriel*, Carregador, de Gaia.

Admitido como Carregador suplementar em 19 de Abril de 1926, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Abril de 1929.

† *Manuel Vieira*, Carregador, de Campanhã.

Admitido como Carregador eventual em 19 de Agosto de 1919, foi nomeado Carregador efectivo em 6 de Novembro de 1926.

† *João Ferreira Paulo*, Carregador, de Barquinha. Admitido como Carregador suplementar em 5 de Novembro de 1929, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Julho de 1940.

† *António Rodrigues*, Carregador, de Caxarias.

Admitido como Carregador em 21 de Fevereiro de 1924.

† *Augusto Martins Miguel*, Carregador, de Barca de Amieira.

Admitido como Carregador suplementar em 8 de Fevereiro de 1927, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Julho de 1934.

† *Vicente Marques da Cruz*, Carregador, de Campanhã.

Admitido como Carregador eventual em 15 de Outubro de 1918, foi nomeado Carregador efectivo em 1 de Julho de 1927.

† *António Augusto Vicente*, Carregador, de Lisboa P.

Admitido como Carregador suplementar em 1 de Outubro de 1917, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Fevereiro de 1919.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Janeiro

† *Manuel Dias Alexandre*, Limpador no Depósito de Entroncamento.

Admitido como Limpador suplementar em 13 de Dezembro de 1923, ingressou no quadro em 1 de Fevereiro de 1926 com a mesma categoria.

† *José Rodrigues Moreno*, Limpador na Revisão do Minho e Douro.

Admitido como Limpador suplementar em 15 de Julho de 1926, ingressou no quadro em 1 de Novembro de 1927 com a mesma categoria.



† António de Almeida Falcão
Fiel de Estação



† António Soares Barbosa
Revisor de 2.^a classe



† Custódio Valente
Guarda-freios de 2.^a classe



† Joaquim Taborda
Carregador

111 — O problema, conforme foi exposto por «Zero» presta-se, na primeira parte do enunciado a várias interpretações, entre as quais se destacam as seguintes, que servirão de base aos solucionistas:

1.^a — que os 253 m² representam a soma do volume da pedra carregada e por carregar com a metade e mais um quarto da que estava por carregar ou já carregada;

2.^a — que os 253 m³ correspondem apenas à soma das 2 fracções da pedra por carregar, tomando-a como metade da carga do comboio;

3.^a — que o comboio estava meio carregado e havia na pedreira outra tanta pedra por carregar e que os 253 m³ correspondiam à soma destas duas partes iguais com metade e mais um quarto de uma dessas partes.

Os resultados da 2.^a parte do problema variam conforme a interpretação dada à 1.^a parte.

Segundo o proponente que adoptou a primeira, o comboio carregava 92 metros cúbicos e, conseqüentemente, descarregava:

Ao Km. 19,900.....	4 m ³ ,025
Ao Km. 20,000.....	12 m ³ ,075
Ao Km. 20,500.....	75 m ³ ,900

J. Gonçalves e outros optaram pela terceira e, por isso, acharam 184 m³ para carga do comboio, que, nêsse caso descarregaria, respectivamente, naqueles quilómetros, 8 m³,05, 24 m³,15 e 151 m³,8.

A Fernandes e mais alguns, porque lhe deram a segunda interpretação, apresentam, para carga do comboio $\frac{2024}{3}$ m³, ou 29 m³,516, 88 m³,548 e 556 m³,587 para cada um dos pontos quilométricos referidos

Há ainda uma outra interpretação: Quando se diz que na pedreira há tantos metros cúbicos por carregar como os que já estão carregados, pode entender-se que estes chegaram para completar o comboio, e que há portanto na pedreira, pedra para outro comboio.

Que reunindo a estas duas porções mais metade delas e mais um quarto, perfazem-se 253 m³.

Nêste caso, resolvendo aritmeticamente, obter-se-á, para carga do comboio:

$$x = 253 : \left(1 + 1 + \frac{2}{2} + \frac{2}{4} \right) = 72 \frac{2}{7} \text{ m}^3.$$

Temos de concordar que o sr. «Zero» foi bastante conciso.

* * *

Combinadas — 10 — Britabrantes, 11 — Mefistófeles.

* * *

Tipográfico — 12 — A cautelas grandes, cautelas maiores

Tabela de preços dos Armazens de Víveres, durante o mês de Maio de 1945

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz mercantil	kg. 4\$550	Massas cortadas: Macarrão e		Queijo da serra	kg. 24\$00
Açúcar de 1. ^a	» 4\$580	Macarronete — Córadas	kg. 5\$30	Sabão amêndoa	» 1\$50
Azeite extra	lit. 10\$80	Massinhas: Cotovelos, colove-		» Corrente	» 4\$20
» fino	» 10\$30	linhos, miosolis, pevide, etc.		» Especial	» 6\$30
Bacalhau Inglês	kg. variável	— Córadas	kg. 5\$70	» Offenbach	» 4\$40
» Nacional	» »	Meadas: Aletria, macarrão e		Sal	lit. \$40
Batata	» »	macarronetes — Córad.	kg. 5\$90	Toucinho	kg. 11\$60
Carvão de sôbro	» 1\$05	Massas cortadas, massinhas e		» entremeado	» 13\$60
Cebolas	» variável	meadas: Em pacotes — Có-		Vinagre	lit. 2\$30
Chouriço de carne	» 2\$520	radas	kg. 8\$40	Vinho branco	» 2\$15
Farinheira	kg. 14\$50	Bambus: Esparguete, macar-		Vinho tinto	» 1\$90
Feijão Colonial	lit. 4\$35	rão e macarronete: a gra-		» » (em Campa-	
» branco miúdo	» 6\$40	nel (córadas)	kg. 8\$40	nhã e Gaia)	» 2\$20
» frade. lit. 3\$80, 5\$40 e	6\$80	Ovos	duz. variável	Vinho branco (em Cam-	
Lenha	kg. \$40	Presunto	kg. 24\$00	panhã)	» 2\$30
Manteiga	» 33\$00	Queijo tipo flamengo	kg. 24\$00		

Os preços dos gêneros sujeitos a imposto são acrescidos desse imposto.

Êstes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Além dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres, e também tecidos de algodão, malhas, atalhados, fazendas para fato, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

Quem fôr económico deverá abastecer-se nos Armazens de Viveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionário ferroviário

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números dêste Boletim não se vendem avulso.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuir com a importância anual de 12\$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um **fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).